

# *A formação de um líder palestino na ficção de 'O Espinho e o Cravo'*

Livro de Yahya Sinwar traz o raro relato por dentro da questão palestina

Mario Sergio Conti

Folha de S. Paulo, 27.set.2024

Yahya Sinwar é o líder máximo do  [Hamas](#), acrônimo árabe de Movimento de Resistência Islâmica, o partido que governa Gaza e comanda a luta pela independência [palestina](#). Exibir sua cabeça decepada é o Santo Graal de Netanyahu, um troféu para que possa cantar vitória.

Sinwar, 61 anos, vive não se sabe onde. Mas, antes da guerra estourar, numa entrevista coletiva, avisou que voltaria a pé para casa e desafiou [Israel](#) a matá-lo nos próximos 60 minutos. Foi o tempo em que perambulou por Gaza, afável e ganhando abraços.

É casado com Samar, 18 anos mais nova, com quem tem três filhos. Estudaram na Universidade Islâmica de Gaza; ele é formado em estudos árabes e ela tem mestrado em teologia. Grisalho, com cabelo e barba cortados rente, sobrancelhas pretas circunflexas, é baixo e tem dentes ruins.

Tinha 26 anos ao ser condenado a quatro penas de prisão perpétua por assassinar dois soldados israelenses e quatro delatores palestinos. Foi solto 22 anos depois, com outros 1.025 prisioneiros, em troca da libertação de Gilad Shalit –soldado israelense cujo sequestro por cinco anos foi craniado, atrás das grades, por Sinwar em pessoa.

Estudou hebreu e história judaica na cadeia para saber quem são os ocupantes israelenses. Continuou a dirigir a polícia do Hamas que enfrenta os colaboracionistas. Formou novos militantes. E fez algo inconcebível: um romance. Contrabandeado para a [Faixa de Gaza](#), ele se intitula "O Espinho e o Cravo".

A Amazon pôs à venda, em dezembro, sua tradução para o inglês, "The Thorn and the Carnation", mas a pressão de lobbies judaicos fez com

que logo sumisse com ela. Eis um emblema da liberdade de expressão: censurar uma obra que, além de ficção, não tem nem uma palavra antissemita.

Com algumas manhas, porém, dá para acessá-lo na internet. Vale a pena lê-lo porque são raros os relatos por dentro da questão palestina. Ele é o romance da formação de Ahmad; conta como ele, a família e os amigos vivenciaram a ocupação israelense. Vai da sua infância, à sombra da Guerra dos Seis Dias, em 1967, até a intifada –o levante– do início dos anos 2000.

Assim como o Flaubert de "madame Bovary sou eu", Sinwar poderia dizer que Ahmad é ele. É por meio do protagonista que expõe os tormentos da vida palestina. Já no título, "O Espinho e o Cravo" combina opostos num todo orgânico. O risco de feridas pontiagudas e o aroma de pétalas integram a mesma planta.

Há quatro personagens marcantes, afora Ahmad. Sua mãe, a matriarca da família estendida, guarda a memória dos tempos em que tinham autonomia. Autoritária e conservadora, tem consciência da injustiça da qual são vítimas, e por isso protege todos.

Mahmud, seu irmão mais velho, é uma alegoria dos militantes que privilegiam o diálogo com Israel —que, contudo, não leva a nada. Ibrahim, seu primo, serve de contraexemplo a ele: adere à luta armada.

O quarto personagem é Hassan, o traidor. Subornado pelos israelenses com dinheiro, drogas e pornografia, ele "vai morar numa casa de mulheres suspeitas, cujo cheiro era tão forte que fazia nossos narizes lacrimejarem". Ibrahim defende que Hassan precisa ser morto; Ahmad, que devem quebrar suas pernas, e sua sugestão prevalece.

Antes de prosseguir, uma palavra sobre a violência dos anticoloniais contra os colaboracionistas: ela não é invenção do Hamas. O Exército Republicano Irlandês, o IRA, fez o mesmo que ele. A Frente de Libertação Nacional, a FLN argelina, fez pior —massacrou centenas a sangue frio.

O romance pouco fala dos israelenses, além das cruéis mazelas da ocupação. Mas, numa entrevista à jornalista italiana Francesca Borri, Sinwar disse que, antes, os judeus eram "pessoas como Freud, Einstein

e Kafka. Especialistas em matemática e filosofia. E agora são especialistas em drones e execuções extrajudiciais".

"O Espinho e o Cravo" apresenta os três blocos políticos palestinos dos anos 1970. Ao contar como eles reagiram à invasão do Afeganistão pela URSS, e à do Iraque pelos EUA, são páginas que apontam para um conceito esquecido: a unidade mundial da luta de classes.

O primeiro bloco era a Organização para a Libertação da Palestina — corrompida até o talo, ela é hoje uma agência de Israel. Outro bloco era o dos grupos marxistas, dizimados por Israel.

Entre um e outro bloco vicejam os integristas. Eles recorreram aos costumes estritos do Corão para forjar o Hamas, partido disposto a matar e morrer pela Palestina. Sinwar é o seu artífice e artista.